



Organiza o Simposium LÍNGUA E GÉNERO

As políticas iguais tem que ser diferentes, porque as pessoas somos diferentes e porque os géneros humanos comportam-se de jeito diferente e usam a língua cada um ao seu jeito e achegam-se a língua e interiorizam-na, determinados pola variável de género, e os modelos sociais.



SANTIAGO DE COMPOSTELA
14, 16, 30 de Maio e 9 de Junho na

 **FUNDACION CAIXA GALICIA**

 **FUNDACION CAIXA GALICIA**

rua do Vilar 19 – Santiago de Compostela

A PLANIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

O conceito da planificação linguística aplica-se para caracterizar qualquer tipo de acção sobre as línguas, planificada e executada por agentes institucionais. A planificação tem dois âmbitos quase sempre muito difíceis de separar: o do estatus e o do corpus.

A planificação do estatus supom a selecção entre variedades dumha língua (ou entre distintas línguas) ou para cumprir com determinadas funções; deste jeito altera-se o estatus dumha determinada variedade da língua ou a relação entre línguas.

A planificação do corpus identifica-se basicamente com o processo de standardização.

Os Estados sempre fazem política linguística ainda quando nom o afirmar, e em matéria de planificação apontam principalmente à planificação do estatus das línguas.

A diferença entre a planificação do corpus e a do estatus é basicamente metodológica; de feito, toda acção sobre umha língua que tenha como objectivo mudar o seu estatus, implica sempre umha manipulação do corpus, assim como todo processo de standardização tem como objectivo habilitar a variedade em questom para cumprir determinadas funções dentro da sociedade.

O conceito de planificação linguística fundamenta-se em dous conceitos básicos, o da variação e câmbio em função de eleição explícita entre alternativas (variantes, em sentido amplo). Em função dos objectivos propostos, escolhe o poder a variável que julga mais conveniente, ou melhor ainda aquela que se ajusta ao que é o projecto nacional do estado.

Todo processo de planificação linguística supom câmbios linguísticos deliberados, levado avante por organizações que se estabelecem com o fim de cumprirem esse fim; como em qualquer outro tipo de planeamento, orientado para o futuro; as estratégias de acção som especificadas com anterioridade.

Ainda que adoptam se usar indistintamente as palavras planificação e política em relação com a linguagem, a expressão "política linguística" refere-se mais aos conteúdos ideológicos que se afirmam no planeamento, porém neste último término ressaltam-se mais os aspectos instrumentais do processo.

Todavia que é certo que todo planeamento linguístico está sustentada por umha política linguística, nom sempre esta última é aplicada de jeito efectivo e a médio desse planeamento acorde com ele. Dam-se casos de eleições de línguas que som meramente formuladas, mas nom chegam nunca a instrumentar-se realmente o caso galego e a actividade do poder referida à língua da Galiza.

As políticas linguísticas baseiam-se na existência de relações de poder de uns (os aparelhos estatais) sobre outros (os utentes das línguas). Por essa razão é que as políticas da linguagem existiram "desde sempre, a imposição do castelhano no estado espanhol como *língua nacional* pola *escola nacional* é um exemplo dessa política.

O sistema educativo é, sen dúvida, a ferramenta mais usada e eficaz que empregan os governos para levar avante as suas políticas linguísticas. Se umha variedade foi seleccionada como língua nacional, o governo pode ordenar que seja ensinada como matéria na escola, ou ata que seja o médio de instrução para ensinar outras matérias. Dentro do sistema educativo, o mestre erige-se como o executor por excelência da planeamento, controlando, premiando ou reprimindo as actuações linguísticas dos alunos.

A função unificadora consiste em reforçar os sentimentos de adscrição grupal, a través da pose dumha língua comum. O comportamento privado dos falantes nom sempre se mantém totalmente alheio à planificação linguística estatal; esta chega a influir nas escolhas linguísticas dos indivíduos em situações comunicativas informais.

Isto ocorre quando as políticas linguísticas, ao elevar o estatus dumha língua e estigmatizar outra, fomentam atitudes particularmente positivas cara á primeira e negativas cara á segunda, de modo tal que os falantes consideram que a língua estigmatizada é um obstáculo para as possibilidades de ascenso social. Salvo que a comunidade dos mesmos esteja devidamente compactada e tenha um desenvolvimento informal que faça absolutamente necessária a língua estigmatizada. O uso dumha determinada variedade linguística nos domínios informais está muito achegado as questões identitárias dos falantes.

Os falantes secundam a planificação Estatal, convertendo-se em verdadeiros micro-agentes planificadores, dentro do seu próprio fogar, quando o espaço social que fai(zia) à língua necessária afunde-se

Para lograr que a gente mude os seus hábitos linguísticos nos estilos menos formais e mais identitários, a política linguística da imposição tem que lograr dalgum jeito, a mudança nos modelos socio-culturais, na desagregação das componentes identitários, e na resposta e interiorização de aspetos a ver com a sensação de progresso social, a que som mui sensíveis componentes a ver com o género e os roles da socialização de comportamentos linguísticos.

Umha Galiza diglósica pode manter-se estável em tanto se conserva a divisom funcional linguística e a necessidade dos modelos, mas desestruturada só pode haver mudança se a língua nacional e projectada como verdadeira língua nacional e por tanto A, aproveitando todas as ferramentas de que dispom no âmbito internacional

Na Galiza o planeamento linguístico autonómico teria que chegar a criar consciência nos falantes da necessidade de introduzir a língua identitária como língua A em todos os âmbitos, se isso é assim pode-se prever um cambio de língua substancial.

Para além do role fundamental que tem a escola como elemento de socialização do modelo linguístico, é fundamental para incidir nos aspetos informais do sucesso linguístico o estabelecer políticas de língua acaídas aos roles a e a percepção da língua que tem os distintos géneros e a maior ou menor resistência a certas atitudes e prejuízos linguísticos.

Para tratar estes assuntos e reflexionar sobre as políticas linguísticas e a necessidade de tratar aspectos a ver com a desigualdade em que estão as atitudes segundo o género a AGAL organiza o **Simposium Língua e Género** no que se vão discutir e reflexionar as seguintes questões:

Dia 14 de Maio às 19:30 Conferência de Pilar Garcia Negro

1- O papel da mulher na transmissão da língua e na socialização linguística

Maria Pilar Garcia Negro nasce em Lugo, e aos 16 anos, ingressa na Universidade de Santiago de Compostela, para cursar Filosofia e Letras, secção Filologia Românica, subsecção Hispânicas. Licenciatura em 1975. Cursa, por livre, Filologia galego-portuguesa, uma vez implantada esta titulação na Universidade Galega. Gradua-se em 1980 nesta especialidade.

Entre Outubro de 1975 e Fevereiro de 1976, imparte docência de língua francesa, no Seminário Diocesano de Lugo, usando como veicular a língua galega.

Entre 1976 e 1985 é professora agregada de Língua e Literatura Espanhola, no Instituto de Ensino Médio "Eusébio da Guarda", da Crunha, e, na mesma cidade, no Instituto "A Sardinheira", de 1985 a Janeiro de 1990. Docência realizada igualmente em galego como língua veicular.

Em Abril de 1983, defende, na Universidade de Santiago de Compostela, a Tese de Licenciatura, dirigida pelo Dr. Do Barro Paz, sobre a edição crítica da poesia galega completa de [Valentin Lamas Carvajal](#), qualificada com Sobressaliente.

Em Janeiro de 1991, defende, também na USC, a Tese de Doutoramento, que foi a primeira realizada sobre língua galega e legislação iuslingüística, sob a intitulação de "Língua galega e lexislación (1975-1986)", que mereceu a máxima qualificação, Apto cum laude.

No curso 1991, ingressa na Universidade da Crunha como Professora Titular Interina, convertendo-se em Professora Titular, mediante oposição, em Junho de 1995. Desde esta data pertence ao Departamento de Galego-Português, Francês e Linguística desta Universidade.

A secção "O idioma", no semanário A Nosa Terra, de que se ocupou entre Março de 1978 e Agosto de 1979, foi a primeira do seu género (divulgação de bons usos na prática oral e escrita da língua) publicada em meios de comunicação galegos. No curso 1979-1980, em colaboração com José M^a Do Barro, publica, no mesmo semanário, a secção "Leccións de Literatura e de Língua". Além de neste semanário, tem colaborado noutras publicações periódicas galegas, portuguesas, catalãs, bascas, espanholas.

Principais livros publicados.

- 33 aproximacións á literatura e á língua galega (1984, 1990), en colaboración con Xosé M^a Dobarro.
- O galego e as leis. Aproximación sociolingüística (1991)
- Sempre en galego (1993, 1999)
- O ensino da língua. Por un cambio de rumbo (1995), en colaboración con Xoán Costa Casas.

- Poesía galega de Valentin Lamas Carvajal (1998)
- Direitos lingüísticos e control político (2000)
- Arredor de Castelao (2001)
- Rosalía de Castro. El caballero de las botas azules. Lieders. Las literatas (2006)
- María Mariño no ronsel das escritoras galegas (2007).
- Intervindo em numerosos simpósiuns e congressos nacionais e internacionais sobre socio-lingüística, línguas europeas nom normalizadas, literatura galega e feminismo.
- Militante do movemento nacionalista desde 1975-1976. Deputada, polo Bloco Nacionalista Galego, no Parlamento Galego, de 1989 a 2003. Ensino, cultura, políticas para as mulleres, política lingüística... tem sido as materias de atençom preferente. Á sua iniciativa deve-se a constituicòm na Câmara galega, da "Comissom para a igualdade e para os direitos das mulleres", em funcionamento desde 1994.

Dia 16 de Maio às 19:30 Conferência de Raquel Miragaia

2- Língua e género: qual língua e qual género? Uma tentativa de clarificar o paradigma.

Nascim em Tardade, uma pequena aldeia na Terra Chá. Lá passei toda a infância e a adolescência, até que fui a Santiago de Compostela. Desde os 17 morei em Compostela, umas vezes em corpo e alma e outras vezes só em alma. Essa cidade (cidade?) marcou boa parte da minha vida, quer por questons persoais, quer por questons sociais. Lá, estudei Filologia Galego-Portuguesa e Filologia Hispánica, em contra de qualquer critério práctico. Ao acabar os meus estudos universitários, tivem a imensa sorte de começar a trabalhar na docência, profissom que sempre me pareceu atractiva. Escrevo quase desde que tenho consciência, no entanto, nunca tivem a sensaçom de fazê-lo com critérios de "profissionalidade" até a escritura da minha primeira obra *Diário Comboio*, obra de narrativa que, até agora, é a única. Tem diversos artigos e intervenções sobre o tema

Dia 30 de Maio às 19:30 Conferência de Alexandre Banhos

3- A construçom de uns modelos de linguagem de mulleres no projecto de construçom dumha língua A galega na Galiza: Políticas de género aplicadas ao Planejamento lingüístico, de cara a travar a ruptura na transmissom da língua nacional.

Alexandre Banhos Campo é Licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e Povoaçom) pola Universidade Complutense. É membro da AGAL desde fins do ano 1983, ocupando em duas ocasiões, sob a presidência de Maria do Carmo Henríquez, postos no seu Conselho Directivo.

Tem participando em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 32 anos está, entre outras cousas, comprometido com o activismo cultural fazendo parte de muitas associações e iniciativas culturais com todo tipo de responsabilidades, tendo publicado trabalhos relacionados com estas materias.

É master em Gestom da Formaçom de Qualidade pola UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pola USC. Nós anos 2000 a 2005 formou parte da Comissom Geral de Formaçom Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos directivos neste

campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latinoamericano de Administración para o Desenvolvemento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos.

Tem também desenvolvido um importante trabalho como professor tanto no campo da formação de empregados públicos como na formação cultural dinamizadora do activismo cultural que alicerça a consciência nacional e a da pertença a lusofonia.

Dia 9 de Junho às 18:30 Pontos de encontro

4- Mesa redonda sobre o assunto com a participação de representantes de organizações feministas, universitárias e da administração pública

Às 20:00 colóquio

As 21:45 aprovação das conclusões do simposium e encerramento do Acto por Rosário Fernandez Velho em representação da AGAL

Com a colaboração de



